

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES



ARTIGO

PERFORMANCES DO CORPO: CAPOEIRAS... KALUNGAS... BATISMO EM EDUCAÇÃO POPULAR

Performances del cuerpo: capoeiras... kalungas... bautismo en educación popular

Performances du corps: capoeiras... Kalungas... Baptême dans l'éducation populaire

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Professora da Universidade do Estado do Mato Grosso UNEMAT

E-mail: waldineiaferreira@hotmail.com

Valdeson Paula Portela

Mestre em Educação (UFMT) - Professor da Educação Básica

E-mail: modelo@aruande.com

Luiz Augusto Passos

Doutor e em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso - Professor voluntário da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

E-mail: passospassos@gmail.com

Como citar este artigo:

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara; PORTELA, Valdeson Paula; PASSOS, Luiz Augusto. Performances do corpo: capoeiras... kalungas... batismo em educação popular. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jul./dez. vol. 2, n. 1, p. 07-19, 2019. ISSN 25959026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 2, número 1 (2019)

ISSN 25959026

PERFORMACES DO CORPO: CAPOEIRAS... KALUNGAS... BATISMO EM EDUCAÇÃO POPULAR

Performaces del cuerpo: capoeiras... kalungas... bautismo en educación popular

Performances du corps: capoeiras... Kalungas... Baptême dans l'éducation populaire

Resumo

O texto traz uma reflexão do movimento cultural e étnico que vem sendo desenvolvido em torno de um trabalho de brasilidade, resistências e educação popular. Integra jovens, adultos, crianças, homens e mulheres da comunidade, das escolas públicas, das universidades, bem como, diferentes grupos de matriz afro-brasileira, na perspectiva cultural, de religiosidade e do próprio movimento negro. Apresenta o Kalunga, como evento-movimento fortalecido pelas redes estabelecidas e construídas, ao longo de vários anos, que evidencia reflexões Afro-brasileiras e Ameríndias que estão assentadas no estado da arte-comunicação decolonial vivenciadas na interação, no ritmo e na singeleza profunda das expressividades de corpos que comungam com a ancestralidade em estado atual, que comungam com os estranhamentos e com as alteridades.

Palavras-chave: Afro-brasileira. Ameríndio. Decolonialidade. Kalunga.

Resumen

El texto brinda una reflexión sobre el movimiento cultural y étnico que viene desarrollándose alrededor de un trabajo de identidad brasileña, resistencias y educación popular. Ese movimiento cultural integra jóvenes, adultos, niños, hombres y mujeres de la comunidad, de escuelas públicas, de las universidades, bien como diferentes grupos de matriz afrobrasileña, en la perspectiva cultural de religiosidad y del propio movimiento negro. El movimiento presenta el *Kalunga* como evento-movimiento fortalecido por las redes establecidas y construidas a lo largo de muchos años, lo que manifiesta reflexiones afrobrasileñas y amerindias que están asentadas en el estado del arte-comunicación decolonial experimentadas en la interacción, en el ritmo y en la sencillez profunda de las expresividades de cuerpos que comulgan con las rarezas y con las alteridades.

Palabras clave: Afrobrasileña. Amerindio. Decolonialidad. *Kalunga*.

Résumé

Le texte suscite une réflexion sur le mouvement culturel et ethnique qui s'est développé autour d'un travail de brasilianité, de résistances et d'éducation populaire. Il intègre des jeunes, des adultes, des enfants, des hommes et des femmes de la communauté, des écoles publiques, des universités, ainsi que différents groupes afro-brésiliens, du point de vue culturel, religieux et du mouvement noir. Il présente *Kalunga* comme un événement-mouvement renforcé par les réseaux établis et construits pendant plusieurs années, qui met en évidence des réflexions afro-brésiliennes et amérindiennes basées sur l'état de l'art-communication expérimenté dans l'interaction, le rythme et la simplicité profonde des expressivités de corps qui communient avec les distanciations et les altérités.

Mots-clés: Afro-brésilien. Amérindien. La décolonialité. Kalunga.

Introdução

Neste texto apresentamos uma vivência e engajamento do Grupo Centro Cultural Aruandê Capoeira na parceria/desenvolvimento com o Instituto Ilê Axé, com o Instituto Aruandê-Casa de Umbanda Mãe Maria e com o Grupo de Extensão Capoeira Transformando Corpos e Vida da Universidade do Estado de Mato Grosso Campus de Juara dentro de um evento – como organizadores -, atualmente, tradicional no Município de Juara, o mesmo é denominado “Kalunga”.

O Kalunga - Brasilidade: resistência e identidades ao ritmo do tambor, é um evento que está na sua VII edição e reúne escolas públicas, universidades como a UFMT(colaboradora), movimento negro, grupo de capoeira e comunidade em geral. Tem o objetivo de acordo com o projeto 2017, “construir um espaço de discussão e de apresentações culturais que evidenciem as diferentes manifestações de origem indígena e afro-brasileira para a afirmação da sua identidade étnico-racial”. No mesmo ocorre, pelas atividades, a valorização da história e da cultura da população negra e indígena. Ressaltamos que, os trabalhos que acontecem durante o evento, são aglutinações de vivências estabelecidas no interior das instituições, movimento negro, comunidades indígenas, em particular, dos povos Apiaká, Kawaiwete e Munduruku.

De outra forma o acontecimento é o vivido de manifestações Afro-brasileiras e Ameríndias como processos de decolonialidade e de Educação Popular, porque enfrenta na rua (lugar em que o evento ocorre) olhares de estranhamento, mas também de identidades que em alteridade se fazem presentes.

O evento consubstancia-se sob nossa percepção como um movimento silencioso da Educação Popular, e, sabemos que somos, como sinaliza Passos (2007) o grupo que fica do lado oposto dos poderosos, somos a imensa maioria, na resistência articulando pela transformação e supressão da opressão. Aliás, opressão que se dá de diversas formas, pela classificação social, pela raça, pelo preconceito, etnia, gênero e toda a diferença.

O estranhamento, e de forma mais grave a rejeição do que a partir de si, diverge, tensiona e pode, sobretudo pelos instalados, resultarem na busca de eliminação simbólica, descarte do diverso, e por vezes formas de higienização e extermínio. Nosso encontro se faz, principalmente, pela reunião dos grupos que organizam o evento, pela performance dos corpos que ali se encontram. Assim, a performance nada mais é do que uma expressão

Waldinéia A. de Alcântara Ferreira. Valdeson Paula Portela. Luiz Augusto Passos

artística, que os corpos de diferentes pessoas, pertencentes a diferentes grupos, se manifestam em suas matrizes Afro-brasileira, Ibérico-Ameríndias em estado de arte-comunicação que enuncia de maneira sempre inimitável, crenças, esperanças, tristezas, mágoas, vivenciadas na pessoa que a significa na interação de sentidos públicos que soma aquela singularidade dançante aos olhos *estoriadores*, produzindo sentidos pela ritualização, ritmo, gestualidade e beleza. É ali, no ritmo, no espaço que se faz entre corpos com as coisas, a terra, a pedra, a terra, o vento, a chuva, o sol, o conhecimento e o reconhecimento de si, dos outros e do mundo, em tradições que se reatualizam sempre de maneira inédita a PALAVRA. Uma forma de produzir aceitação social, mesmo que haja implícito outros usos e outras significações como assinala, Gonçalves (2004).

Nossa comunicação, cujo texto proclama, não transforma corpos, sem subjetividades que lhes são inerentes, e inapartáveis. Falar do “dentro”, por exemplo, de uma vasilha, só faz sentido, no suposto não mencionado, mas todos presente do “fora” - que o envolve, acaricia, modela e delimita. Enfim, a parte que se segue do texto procura também produzir performances do real vivido pelo batismo de capoeira que ocorre em rua, no meio do povo, no Kalunga, entre os nossos – e, com - olhares de estranhos que também são olhares possíveis de uma cultura que desenhou significações que agora nos produzem, do jeito também que ela diz. É assim, a performance do corpo vivente, sentiente e sentido, produz pessoas inconclusas, mas também *texto* sob o qual, as percepções transvêm sentidos que afloram do discurso feito carne, na vida também, de cada leitor e leitora.

O Ritual do Batismo

Capoeira que tem sangue na veia
Não pode escutar um Berimbau
Suas pernas estremeçam
Onde o capoeira cresce
E levanta seu astral.
(Mestre Bigodinho)

Assim, pela Benguela, um dos toques da capoeira regional de mestre Bimba - o idealizador e criador deste estilo- Inicia-se o ritual do ritual do batismo da capoeira, com

cantos e muito Axé. Os corpo que jogam fazem golpes e movimentos na base de cadeira e com as mãos no chão sincronizando som, ritmo, corpo e movimento.

Um ritual acontece diuturnamente em nossas vidas, em espaços múltiplos alguns inusuais, como aquele que delimita por vezes afinado com o tempo, por exemplo, à meia noite, na beira rio, ao primeiro dia lua cheia – são fatores proclamadores de uma conjugação de espaço e tempo que sinergizam parte da representação visual, que neste caso se associa aos resultados reais do que se produz simbolicamente. Todo ritual busca fornecer em seus símbolos, tempos e lugares, o sentido do que se quer ritualizar, no nosso caso, mostraremos a seguir, que a linguagem corporal, ambiental, representativa, as gestualidades, cantos, batidas e ritmo, ritualiza de maneira forte, na capoeira, o ritual do Batismo. Nada se dissocia.

Na formação da bateria da roda de capoeira, o Berimbau Gunga (cabaça maior) e comanda a roda e com os demais, médio (cabaça média) e viola (cabaça menor), entoam os ritmos que são acompanhados pelos outros instrumentos, por hora, ouve-se o ijexá, ritmo originário das práticas religiosas do Candomblé, com cantos que falam de São Bento, por exemplo.

É a capoeira que inova como manifestação de origem brasileira, que se acopla com as múltiplas simbologias dos diferentes povos africanos. Importante, sobretudo, tomar os estudos do Professor Dr. Celso Luiz Prudente que retoma os nichos primeiros de toda a africanidade, cuja raiz fundamental chega a nós pelo povo ibérico, cuja cultura marcante provinha dos Bantos e dos Egípcios. Importante, ainda, compreender, diz Prudente, que não é possível jamais dissociar, nem mesmo a filosofia atribuída de maneira curta, aos gregos como origem, da sua origem primigênia proveniente dos “Livros dos Mortos” que não isola, como faz a filosofia de Platão (ele sim Grego) que tomou o ocidente, como se existissem uma separação absoluta, dissociada, e separável do corpo e alma¹. “No caso da capoeira, o “começo” é brasileiro, mas o “princípio” – tanto o fundamento, a historicidade, quanto o mito – é Africano (BRITO *apud*, SODRÉ 1990, p. 20).

Diríamos em análise ainda, que tem outras influências, como a próprio pensamento eurocêntrico. Pois, como católicos, os portugueses objetivaram estratégias de propagar sua fé fazendo uma associação com os ideários mercantilistas, de forma que, ao penetrar na África,

¹ Lembremo-nos que Aristóteles quebra a dissociação feita entre corpo e alma, atribuído a Platão. Há, em Aristóteles uma conexão referenciada do conceito matéria e forma de sorte que uma só existe na relação com a outra. Não há forma sem matéria, nem matéria sem forma. Os Egípcios eram povos que mumificavam os corpos para que a alma pudesse sobreviver, nesta “casa”, sob pena de ambos perecerem.

Portugal estabeleceu bases políticas tanto mercantil quanto proselitismo missionário cristão. Essa experiência, ainda que pelo domínio português, constituiu à incorporação do corpo negro influenciando também dos valores culturais portugueses, inclusive nos aspectos religiosos (MALANDRINO, 2009).

O ritual faz parte de diferentes sociedades e tem significados que contemplam a dimensão, do espiritual e da entrada e pertencimento a determinado grupo. O Batizado é um ritual de consagração, que ocorre, geralmente, no âmbito religioso cristão.

O batismo do capoeira e da capoeira do Grupo Centro Cultural Aruandê², pode ser compreendido em âmbito geral, dentro da capoeira, como uma camuflagem, no sentido da aceitação da cristandade, uma vez que, as manifestações religiosas da ancestralidade das pessoas capoeiras eram pertencentes a matriz africana.

O auge desta cerimônia é o Ritual do Batizado de capoeira, na qual o discípulo iniciante, após cumprir um período de atividades sistematizadas, recebe a primeira graduação (geralmente representada por uma corda amarrada na cintura pelos mais experientes). Nos batizados de capoeira o aluno ou aluna recebe a sua primeira corda, que significa que agora, efetivamente faz parte do grupo. A práxis é que, para que discípulo seja batizado, deve jogar com um mestre ou um professor convidado. Ainda assim, no ritual do batismo ocorre outras atividades que não só o recebimento da primeira corda, mas, dá início a um contínuo de compromisso que é denominado de graduações, ou seja, a troca de graduação, que é muito similar, porém, o que a diferencia é que os iniciados não são batizados, apenas trocam sua corda que, para isso, exige-se certo grau de experiência na capoeira, pois devem mostrar ao público presente os seus avanços na modalidade, jogando com os mais experientes, com todo o conjunto da cultura da manifestação brasileira da capoeira.

O ritual se inicia com a formação da roda. No Grupo Centro Cultural Aruandê Capoeira, a formação da bateria é composta por 7 (sete) instrumentos que são três berimbaus, dois pandeiros, um atabaque e um agogô. É o berimbau quem dita o ritmo e o estilo de jogo (PORTELA, 2017). Cada instrumento ocupa o tempo-espço que lhes são concedidos nos fazeres da capoeira e na produção dos sons. Os corpos se movimentam, e eles não são

² O Grupo Centro Cultural Aruandê foi fundado em 10 de maio de 2007, pelo mestre Demétrius Pereira dos Santos que desligou do antigo grupo Capuraginga de Capoeira. Junto a seus discípulos gerou um novo grupo de capoeira, que após estudos e debates foi chamado Centro Cultural Aruandê Capoeira. Aruandê significa dar a volta por cima, ou seja, aquele que estava perdendo passa ser vencedor (SODRÉ, 1990). <http://www.zumzumzum.com/>.

receptáculos de alguma coisa, mas intenção de movimento que se trascorporalizam no ser capoeira, que em ritmo, produz o “campo de presença”, o Axé da ancestralidade sob os acordes da bateria.

Ao iniciar a roda para o batismo é feita a ladainha, o corrido, em geral começa-se com o jogo de angola, depois benguela e posteriormente o regional. O Mestre canta e tem início, efetivamente, o ritual do batismo.

O iniciante, e o mestre ou professor, os jogadores, em dupla, agachados na frente dos instrumentos, especificamente na frente do berimbau Gunga, ficam esperando a autorização para jogar. Este lhes dá o sinal curvando-se e abaixando o berimbau, indicando na linguagem do capoeira que é hora de jogar. Os jogadores cumprimentam-se apertando as mãos uns dos outros e saem do aú³. Os movimentos dos corpos seguem na Roda e nela os encontros ocorrem entre e nos corpos que se colocam nas formas da capoeira: inversão aú, queda-de-rins, role, passa pé, martelo, benção; o corpo com a cabeça no chão e os pés para cima anunciam que os capoeiras entraram no “mundo da capoeira”, o iniciante consagrando-se como membro oficial deste grupo e o mestre que os batiza dando uma pequena queda deixando a parte dorsal da frente do tronco do corpo tocar no chão, pronto: está batizado confirmando seu pertencimento com um apelido.

Há no batizado três aspectos importantes, a formação da roda com a bateria, o recebimento de ‘apelidos’ que é o nome de batismo do e da capoeira e o jogo em si. Tudo acontece com a energia emanada dos instrumentos, dos cantos emitido pelos Mestres, ecoam na performance do capoeirista, transmutando a energia por seu corpo todo. Não há diria Merleau-Ponty um exterior sociológico, apenas – “o interior e o exterior são inseparáveis. O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim” (MERLEAU-PONTY, 1999, 546).

No batizado de capoeira do Grupo Centro Cultural Aruandê Capoeira, os corpos movimentaram-se em diálogo com a palavra cantada de Valberson Paiva Floriano, o capoeira Maciço. Que com sua composição e com seu corpo social e biológico, em versos cantados ao mundo, disse dele e de nós, em ancestralidade presente. Disse assim, quebrando as correntes...

O grito que vem da senzala é meu.
A sombra no meio da mata sou eu.
Sou eu quebrando as correntes que um dia me amarrou,

³ Tipo de estrelinha que o capoeirista faz ao iniciar o jogo da capoeira.

pra fugir do cativoiro, e do açoite do feitor.

Éramos um só em ancestralidade. Marcas do Kalunga, do Batizado da capoeira e dos corpos em performance, no ano de 2017.

As performances em Educação Popular

Pela Educação Popular, no envolvimento, e no pertencimento, o evento Kalunga que é resultado de vivências cotidianas em diferentes lugares, intencionalizado pelo enfrentamento ao preconceito e pela manifestação afro-brasileira e ameríndia em processo decolonial se faz na feitura das performances dos corpos, que em movimento kalungueiam. Uma forma de se fazer pela Educação Popular, primeiro, pela nudez cultural exposta na rua, em meio a sociedade. Outra pelo seu caráter revolucionário e/ou não institucionalizado. Dizemos que a Educação Popular é, antes, um movimento pedagógico-político instituinte, que eclode na América Latina nos anos 60, que alimenta a esperança na possibilidade da superação das crises que vivenciamos na sociedade e o caminho talvez seja pela reconstrução dos processos culturais (ZITKOSKI, 2000).

Também evidenciamos a ideia e a compreensão de que os movimentos sociais junto e em comunhão com todos os empobrecidos, a responsabilidade com eles e elas, por a caminho a Educação Popular, nos quais eles não sejam destinatários, mas os principais protagonistas e educadores.

No Brasil, Paulo Freire (1993) é um dos idealizadores, no passo dos sonhos dos oprimidos, a buscar, com eles e elas, o melhor caminho de por seus corpos e sonhos e desejos dizerem o tipo de Educação que precisavam, e como construí-la, passo a passo, como uma caminhada em plena noite, de descobertas, acertos e erros, e correções de descobertas. Ela adentra também os duros espaços das universidades, por pequenos grupos de educação popular e de movimentos sociais, que buscam presença pela legitimidade de se contrapor à desumanização, negação dos Direitos Humanos *infiltrados* – no sentido da *permeabilidade* deles junto aos setores críticos, lutadoras e lutadoras contra o sistema de violência imposto às vítimas. É dessa forma que se pode plasmar e constituir diferentes formas, como as estratégias do evento Kalunga que durante anos tem experienciado formas de se fazer pedagógico

político pela ação da cultura. Não como se houvesse uma cultura pronta e prévia, a ser repetida e refeita, mas a busca, a cada nova dimensão posta como desafio pelo caminho da luta, da empreita, do sonho coletivo, de que se deva congrassar todos os setores, as grandes maiorias que sofrem do extermínio, da higienização, das guerras da (des)ordem no poder, contra a vida; de injustiça contra o Justeza e o direito. Há que gerar um reconhecimento de Outros e Outras, mas sobretudo um direito do mundo, das coisas, das árvores, dos campos, dos rios, contra a miséria de desreconhecimento que nossa vida é feita de comunhão, com Todos e todas. Reconhecimento da diferença de cada um e de cada uma: Outros, Outras de nossas vidas.

A exposição de rua, nua é preparada com estratégias e com performance de um corpo, de muitos corpos em festa kalungueando. Assim, queremos dizer o que é Kalungear, a iniciar por dizer o significado do que é a palavra Kalunga.

Então, Kalunga é em nossas compreensões sincretizadas, lugar africano de onde foram expulsos muitos africanos para o Brasil, é também sinônimo de quilombo, libertação, a exemplo da experiência concreta do quilombo Kalunga em Goiás, aliás o maior do Brasil, ocupando 272 mil hectares, com aproximadamente dez mil habitantes que formam mais de duas mil famílias (FERNANDES, 2015). Kalunga é também nome dado a divindade afro ou também lugar de outra dimensão. O kalunga visto como linha divisória entre dois mundos o terreno e o de dimensão espiritual, onde habita os espíritos elementares da natureza e/ou orixás. Aliás, discussão que não se fecha e que carece de compreensões e diálogos outros.

Kalungear no experienciar deste evento-educação-movimento é estar assim, na rua nua, expressando o que se tem de compreensões acerca do que é ser negro/a, do que é ser indígenas, afro-brasileiros, ameríndios, gente dos *Brasis* em influência afro. Kalungueando vários corpos deixam e transmitem mensagens em diálogos que se dão pela palavra, e pela palavra em gestos e expressões culturais: que se constituem nas performances.

Assim, a performance do corpo é assumida com os movimentos da capoeira que sincretizam se em fé, desde a saída do pé do Berimbau, com benzeções no corpo, fazendo-se o sinal da cruz, pedindo a proteção do Deus uno, Pai-Filho-Divino Espírito Santo, os participante de religião de matriz africana, como a umbanda, tocam o chão por três vezes ao pé do Gunga, ou ao pé do atabaque instrumento que marca os Orixás africanos⁴. De acordo

⁴ Esclarecemos que estes movimentos são produzidos pelos capoeiras e capoeiras do grupo de Capoeira Aruandê- Juara-MT.

com um dos capoeira do grupo Aruandê, toca com as pontas do dedo a própria testa, com as costas na mão, no meio da cabeça e depois perto da nuca, pedindo proteção para entrar na roda com a firmeza dos Orixás que regem a cabeça. Os gestos significam religiosidades, crenças, porque sair com o corpo para o jogo, é mostrar pelo corpo o que se quer pela comunicação do corpo que fala. É a percepção do capoeira e da capoeira que produzindo o jogo, a dança, a arte faz e traz o Kalunga no Kalunga que se está vivendo.

Os Mestres que pegam nas mãos e levam para a roda os iniciantes que estão batizando e os demais se graduando... Corpos se entrelaçam em energia, de puro Axé⁵.

São corpos em jogo, em dança, em educação, em leituras, são percepções da existência que muitas vezes são compreendidas não no momento presente, mas, pelos momentos que vão se constituindo no fluxo da revivência, da dança, de uma certa repetição ritual, que se torna como uma outra natureza. Tempo aberto a encontros, com outros corpos que se assemelham, ou não; e afinidade nas filosofias que inspiram os muito tipos de vida, que se recriam e refazem.

Mas o que são as percepções?

Compreendemos como se foram sentidos e significados construídos por diferentes experiências pessoais, por diferentes mundos, que se colam à nossa pele, imaginário e ‘vivenciamento’ e existencialização espiritual cujos sentidos se aprofundam e fortalecem na constituição de um Axé. Ou seja, uma não separação do mundo exterior com o interior, produção de energia sentida-uno. O Axé que se dissipa em energia pela “vibração corporal” em comunhão, faz na direção do pensamento Merleau-Pontyano a perda do caráter identitário e místico, de espiritualidade que cada capoeira e capoeira têm, para ser, fazer e viver a expressividade de um corpo marcado por um axé ancestral. A centralidade dos corpos e o aprofundamento místico da comunhão de ser capoeira é realizada na entrega dos corpos, na ancestralidade em Axé.

Assim as percepções de capoeiras e de capoeiras no Kalunga, na participação do batizado, é de se fazer parte, de estar junto, de compartilhar experiências, de seguir o Mestre e

⁵ Na Capoeira axé representa força, ânimo, alegria a energia que revigora na roda de capoeira. (O Axé não é também uma energia de identidade e afinidade com a corrente da ancestralidade dos Orixás de cabeça e coração? E nas cerimônias de identificação não é conferido nem pela Iaô, nem pelo Babalaô, mas pela experiência profunda quando, se raspa o Santo, de descobrir seja pelo ritmo, pelo ponto riscado quem vem, a quem você pertence... qual a falange que lhe confere identidade.

de aprender em coletividade com os capoeiras, as capoeiras e firmando um compromisso que é público e social. E de vida e de marcas ancestrais que a maioria das pessoas não enxergam.

Sob o olhar do público, sob os diálogos que vão sendo tecidos, em mesas e rodas de conversas com palestrantes que versam sobre as temáticas das relações raciais, das danças e cantos em línguas indígenas, e sobre as exposições dos corpos, das letras, dos toques da capoeira que são transcorporalizados pelos corpos que se movimentam de diferentes formas, e, a Educação Popular, pensada estrategicamente atinge com maior amplitude outros e outras, que pela ritualidade rítmica dos corpos que exprimem sentidos que desenham gestos inéditos, que brotam do fundo e de dentro, e expressam a aceitabilidade da cultura afro-brasileira e ameríndia.

De outra forma podemos dizer que a possibilidade de aceitar o/a Outro/a, pode se realizar de diversas formas, entre elas a pronúncia da palavra, do diálogo, que inferimos a ideia não o é feita apenas pelos sons, pela oralidade, mas também de outras formas. A palavra passa a ter a conotação do dizer sem mesmo dizer pela forma oral. E, por vezes encontrar no silêncio dos sentidos a expressão máxima da comunhão do divino-humano-cosmos-animalidade a interação que desborda um retorno que fiquem à mão, mas cujo diálogo faz novas todas as coisas antes não existentes e que nos abraçam na comunhão da Pacha Mama, gerando outra vez nosso corpo ainda embrião do que dou conta de expressar.

É preciso que a Capoeira realize mais do que dança, arte, jogo, força e cura, que abra para a comunhão radical com o útero da Terra que corrigem nossa trilha da morte para a Vida, da Injustiça e Luta, para a Democracia e a Alegria, da superação de toda a violência e poder como força, mas o encontro com a doçura do universo que geme e sofre sob brasas. Necessário reacender o Fogo de nosso Axé.

Considerações finais

O ritual é parte da constituição de todas as sociedades. O sincretismo é histórico e contemporâneo. O Kalunga é inspiração das grandes lutas pelo protagonismo dos setores empobrecidos, pela luta pelo reconhecimento como seres de direito do que continua lhes sendo a cada dia retirado e negado. Por outro, é também a luta pelo diverso, e direito à expressão pública à diferença.

Waldinéia A. de Alcântara Ferreira. Valdeson Paula Portela. Luiz Augusto Passos

17

Passa pela educação popular a luta pelo retorno à condição primal da nossa animalidade doce negada pela guerra e violência de uma humanidade cruel e velhaca. A participação do grupo de capoeira, no projeto de extensão da universidade contribuiu para que estes corpos tivesse espaço de se compreenderem como lugar privilegiado de luta; perspectiva de pertencimento e reconhecimento. Afirma a arte como uma instintualidade voltada à beleza que abraça a ancestralidade africana, com a identidade nacional e local. Compartilhar a experiência e as aprendizagens do Kalunga que um movimento que se faz com educadores, educadoras, negros, negras, indígenas, alunos e alunas é realizar um fecundo diálogo sobre os desafios da atualidade, aprender na partilha a estrutura da educação popular enquanto prática. Temos todas, todos e tudo, direito ao amor, à arte e à comunhão.

Referências

BRITO, Valmir Ari. **(In)Visibilidade da Contribuição Negra nos Grupos de Capoeira em Florianópolis**. 101f. (Dissertação de Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal, Santa Catarina, Educação e Movimentos Sociais, Florianópolis, SC, 2005.

FERNANDES, Cecília Ricardo Fernandes. **O que queriam os Kalungas?** A transformação do olhar acadêmico sobre as demandas quilombolas do nordeste de Goiás. *INTERAÇÕES*, Campo Grande, v. 16, n. 2, p. 421-431, jul./dez. 2015 <http://www.scielo.br/pdf/inter/v16n2/1518-7012-inter-16-02-0421.pdf>. Acesso: julho, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. **Performance**: um fenômeno de arte-corpo-comunicação. Ano 11, nº 20, 1º semestre de 2004. Disponível: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/14676/11144>. Acesso: abril/2018.

MALANDRINO, Brígida Carla. Espaços de Híbridos e de Diálogos Culturais: O Caso Bantú. **Revista de Estudos da Religião**. ISSN 1677122. Disponível: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução; Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

PASSOS, Luiz Augusto. **Educação Popular**: um projeto de rebeldia e alteridade. *Revista de Educação Pública Cuiabá* v. 16 n. 31 p. 105-118 maio -ago. 2007.

PORTELA, Valdeson Paula. **Capoeirando Caminhos: do Pé do Berimbau ao Ser e Fazer Capoeira em Cuiabá**. 115 f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1990.

ZITKOSKI Jaime José. A refundamentação da educação popular à luz de uma nova racionalidade proposta por Freire e Habermas. **Revista de Ciências Humanas**, v.1, n.1, 2000. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index>. Acesso: abril/2018.

Recebido: 30/09/2018

Aprovado: 09/02/2019

Publicado: 30/06/2019